

DIREITOS DO CORPO: CULTURA E PRÁTICAS CORPORAIS

Jocimar Daolio¹

Pensar a Educação Física a partir de referenciais das Ciências Humanas, e em particular da Antropologia Social, traz necessariamente a discussão do conceito de “cultura” para uma área em que isso era até há pouco tempo inexistente. Os currículos dos cursos de graduação em Educação Física somente há poucos anos vêm incluindo disciplinas próprias das Ciências Humanas e isso parece estar sendo útil para a ampliação da discussão cultural na área. As publicações – artigos em periódicos, livros, capítulos – que utilizam como base de análise da Educação Física conhecimentos das Ciências Humanas têm aumentado nos últimos vinte anos. Não causa mais polêmica afirmar que a área de Educação Física lida com conteúdos culturais.

Evidentemente ainda se vê muita confusão no uso da expressão “cultura” na Educação Física. O termo ainda é confundido com conhecimento formal, ou utilizado de forma preconceituosa quantificando-se o grau de cultura, ou como sinônimo de classe social mais elevada, ou ainda como indicador de bom gosto. Ouve-se com frequência afirmações de “mais ou menos cultura”, “ter ou não ter cultura”, “cultura refinada ou desqualificada” e assim por diante.

Enfim, pode-se falar atualmente em cultura da Educação Física e creio que a contribuição das Ciências Humanas, em geral, e da Antropologia Social, especificamente, foram importantes. Talvez a principal contribuição que os estudos antropológicos tenham trazido para a área de Educação Física tenha sido a revisão e ampliação do conceito de corpo. É por demais sabido que a área de Educação Física no Brasil, originária dos conhecimentos médicos higienistas do século XIX, foi influenciada de forma determinante por uma visão de corpo biológica, médica, higiênica e eugênica. Essa concepção naturalista atravessou praticamente todo o século XX – com variações específicas em cada momento

¹ Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

histórico –, estando ainda hoje presente em currículos de faculdades, publicações e no próprio imaginário social da área.

A consequência dessa exclusividade biológica na consideração do corpo pela Educação Física parece ter sido a construção de um conceito de intervenção pedagógica como um processo somente de fora para dentro em relação ao ser humano, que atingisse apenas sua dimensão física, como se ela existisse independentemente de uma totalidade, desconsiderando, portanto, o contexto sócio-cultural onde esse indivíduo está inserido. As concepções de Educação Física como sinônimas de aptidão física, a opção por metodologias tecnicistas, o conceito biológico de saúde utilizado pela área durante décadas, apenas refletem a noção mais geral de ser humano como entidade exclusivamente biológica, noção essa que somente nos últimos anos começa a ser ampliada.

Essas concepções parecem ter sido determinantes para a tendência à padronização da prática de Educação Física, sobretudo a escolar. Segundo essa lógica, se todos os seres humanos possuem o mesmo corpo – visto exclusivamente como biológico –, composto pelos mesmos elementos, ossos, músculos, articulações, tendões, então a mesma atividade proposta em aula servirá para todos os alunos, causando neles os mesmos efeitos – tomados como benefícios. Isso talvez explique a tendência da Educação Física em padronizar procedimentos, tais como voltas na quadra, metragens, marcação de tempo, repetição exaustiva de gestos esportivos, coreografias rígidas, ordem unida etc.

É óbvio que a partir dessa concepção de corpo e de Educação Física, não havia espaço nem interesse em aspectos estéticos, expressivos, culturais ou subjetivos. A tendência era de uma ação sobre a dimensão física, passível de treinamento visando à repetição de técnicas de movimento, sejam as esportivas, de ginástica ou atividades rítmicas. Era como se a Educação Física fosse responsável por uma intervenção sobre um corpo tido como natural e sem técnica, a fim de dar a ele padrões mínimos de funcionamento para a vida em sociedade. Se se falava na consideração dos aspectos psicológicos individuais ou na dimensão estética dos gestos, isso era desvinculado da dimensão física, como se o corpo fosse a expressão mecânica de uma superioridade psíquica ou mental.

O mais interessante é que isso ainda se mostra presente na sociedade atual quando notamos, principalmente através da mídia, a valorização no ser humano do corpo “malhado”, “sarado”, treinado exaustivamente nas academias de ginástica, novos templos de padronização de corpos, ou nas clínicas de estética ou de cirurgia plástica, que literalmente esculpem os corpos de clientes ávidos por sucesso, fama, beleza etc.

A revisão e ampliação do conceito de corpo a partir da Antropologia Social deve muito a Marcel Mauss, antropólogo francês que viveu entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Mauss foi considerado um dos fundadores da Antropologia e na França é até hoje reverenciado como um dos principais pensadores do país, tendo sido citado em obras de autores do porte de Maurice Merleau-Ponty e de Claude Lévi-Strauss. Esse último – prefaciando a coletânea de Mauss no ano de sua morte, 1950 – destaca a importância de sua obra, sobretudo a contribuição na análise cultural do corpo².

Dois conceitos de Marcel Mauss são determinantes para a revisão da noção de corpo e para a Educação Física, de maneira geral. O primeiro deles é o conceito de “fato social total”, cunhado ainda na década de 1920, e que, em síntese, propunha uma totalidade na consideração do ser humano, englobando os aspectos fisiológicos, psicológicos e sociológicos. Essas três dimensões estariam interligadas e expressas em todas as condutas humanas, não sendo possível dissociá-las. Ora, para a Educação Física essa união é até hoje problemática, uma vez que o ser humano tende ainda a ser considerado unicamente ou primordialmente como entidade biológica, sendo as outras dimensões desconsideradas ou secundarizadas.

O segundo conceito de Mauss importante para a Educação Física refere-se às “técnicas corporais”. Essa contribuição foi divulgada ainda na década de 1930, embora só tenha sido publicada em 1950, na França e, no Brasil, somente em 1974. Mauss define técnicas corporais como as maneiras pelas quais os seres humanos, de forma tradicional e específica, utilizam seus corpos. Assim, todo gesto corporal pode ser considerado uma técnica, pois atende aos critérios de

² Lévi-Strauss, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss, 2003.

tradição e eficácia. É interessante que Mauss não se refere explicitamente nesse e em outros trabalhos à dimensão simbólica, talvez pelo fato de faltar ainda nas primeiras décadas do século XX estudos sobre as questões do símbolo e dos significados nas ações humanas. Entretanto, o caráter inovador e relevante na obra de Mauss é justamente essa dimensão simbólica implícita e basilar de toda sua análise. Ora, se se considerar o corpo apenas na sua dimensão biofísica, não há necessidade de diferenciá-lo através do seu uso específico e regional, pois, afinal de contas, o corpo, do ponto de vista biológico, de todos os membros da espécie humana é muito semelhante. Só é possível discutir as especificidades de uso do corpo a partir da consideração de que ele expressa determinados valores de um dado grupo. De fato, quando Mauss utiliza a expressão “eficácia”, ele não o faz acompanhada da expressão “simbólica”, como vários autores da Antropologia o farão nas décadas seguintes, dentre eles, Claude Lévi-Strauss. Entretanto, a idéia de “eficácia simbólica” está visivelmente prenunciada em sua obra.

Para a Educação Física tradicional, essa dimensão simbólica não interessa, levando a análises que consideram somente a dimensão eficiente dos movimentos, quer em termos biomecânicos, fisiológicos, ou ainda em termos de rendimento atlético-esportivo. De fato, é interessante observar na produção da área, pelo menos até a década de 1970, o uso da palavra “técnica”. Considera-se técnico aquele movimento preciso, econômico, correto, quase sempre imitativo dos movimentos de atletas de esporte de alto rendimento. Por oposição, os outros movimentos são tidos como não técnicos, errôneos, espontâneos, naturais, merecendo, por parte da Educação Física tradicional, intervenção no sentido de corrigi-los, aperfeiçoá-los e padronizá-los.

Tendo priorizada tradicionalmente a dimensão da eficiência, a Educação Física distanciou-se dos aspectos estéticos, subjetivos, simbólicos. Considerou o corpo como máquina biológica passível de intervenção técnica e perdeu a possibilidade de vê-lo como produtor e expressão dinâmica de cultura.

Além da contribuição de Marcel Mauss – e complementar a ela –, a noção de cultura de Clifford Geertz, antropólogo americano contemporâneo, parece fundamental para a rediscussão do corpo e a revisão do papel da Educação

Física. Se em Mauss, a dimensão simbólica humana estava mais inferida do que explícita, em Geertz isso se constitui na estrutura do seu pensamento. O autor defende uma proposição de cultura eminentemente simbólica, como uma teia de significados, fazendo uso da metáfora de Max Weber. Para Geertz, a cultura é pública, porque o significado é público. E a Antropologia, segundo ele, deve ser vista, não como ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa em busca do significado³.

Clifford Geertz procura romper, ao mesmo tempo, com a visão de cultura originária do Iluminismo, a concepção evolucionista típica do século XIX e a concepção “psicológica”. Para a primeira, a dimensão cultural era sobreposta a uma natureza boa do ser humano, como pregava Rousseau. Para a segunda, a cultura era produto do estágio evolutivo de cada grupo humano, sendo utilizada como critério para a classificação dos humanos em primitivos ou civilizados. Para a concepção “psicológica”, a cultura coletiva era apenas a somatória das mentes e produções individuais.

Para Geertz, a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual os seres humanos dão sentido às suas ações. Constitui-se em processo singular e privado, mas é também plural e público. É universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz. A cultura se dá na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico.

Geertz critica a concepção chamada por ele de “estratigráfica”, que divide o ser humano em camadas, tendo o nível biológico como núcleo, superposto pelos estratos psicológico, social e cultural. Segundo essa visão, o componente biológico humano teria se formado primeiramente, sendo complementado ao longo da evolução pelos componentes psicológico, social e cultural. Tem-se, nessa perspectiva, a cultura como secundária e complementar à formação do cérebro

³ As noções gerais da visão antropológica de Clifford Geertz estão explicitadas em seu livro *A interpretação das culturas*, de 1989.

humano, como se fosse originária e conseqüente dele. Clifford Geertz refuta essa visão, defendendo a chamada concepção “sintética”, na qual todas as dimensões estão presentes no ser humano, interagindo como variáveis no seu comportamento. O desenvolvimento cultural na filogênese humana foi simultâneo à progressão biológica, tendo um aspecto constantemente influenciado o outro, culminando com o *homo sapiens*, esse ser inteligente que conseguiu sobreviver às dificuldades do meio e aos outros animais.

Reunindo a contribuição de Marcel Mauss – as noções de “fato social total” e de “técnica corporal” – e a contribuição de Clifford Geertz – o conceito semiótico de cultura e sua concepção de ser humano –, vejo a possibilidade de ampliar sobremaneira o olhar sobre a Educação Física e sobre o olhar desta em direção ao corpo. Primeiramente, utilizando as noções de “fato social total” e a “concepção sintética” de ser humano pode-se considerar a dimensão cultural como constitutiva da dinâmica humana. Nessa direção, cai por terra a visão tradicional da Educação Física como uma ação sobre o corpo físico, pois não há dimensão física isolada de uma totalidade biológica, cultural, social e psíquica.

Podemos também pensar o corpo como dotado de eficácia simbólica, grávido de significados, rico em valores dinâmicos e específicos. Podemos vê-lo a partir do seu significado no contexto sócio-cultural onde está inserido. Podemos considerar, mais e além de suas semelhanças biológicas, as suas diferenças culturais; podemos reconsiderar nossos critérios de análise sobre o corpo, fugindo de padrões preconceituosos que durante muitos anos subjugaram e excluíram pessoas da prática de Educação Física. Podemos substituir padrões inatistas por critérios mais dinâmicos e culturais.

A Educação Física, a partir da revisão do conceito de corpo e considerando a dimensão cultural simbólica defendida por Geertz, pode ampliar seus horizontes, abandonando a idéia de área que estuda o movimento humano, o corpo físico ou o esporte na sua dimensão técnica, para vir a ser uma área que considera o ser humano eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais.

Portanto, só é possível pensar em direitos do corpo considerando que os seres humanos são diferentes e se expressam de formas específicas dependendo de seu contexto cultural. A exclusividade de análise do corpo a partir de parâmetros biológicos pode levar à desconsideração de expressões gestuais legítimas do ser humano e a eleição preconceituosa e discriminatória de algumas práticas corporais em detrimento de outras. A Educação Física, como área que estuda e atua sobre a chamada cultura gestual, deve estar atenta para essa dimensão cultural, sob risco de subjugar pessoas, excluindo-as da rica experiência de descoberta de novas possibilidades de seu corpo.

Afirmar em outro texto:

Qualquer abordagem de Educação Física que negue esta dinâmica cultural inerente à condição humana, correrá o risco de se distanciar do seu objetivo último: o ser humano como fruto e agente de cultura. Correrá o risco de se desumanizar⁴.

Referências Bibliográficas

- Daolio, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.
- Daolio, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. (orgs.) *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- Lévi-Strauss, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

⁴ A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro, 2001, p.38.